Animatógrafo

DIRECTOR: ANTÓNIO LOPES RIBEIRO



ROSALIND RUSSELL, é hoje uma das estrêlas da primeira grandeza de Hollywood que conta inúmeros admiradores entre os cinéfilos portugueses

2.ª SÉRIE — N.º 46 — PUBLICA-SE ÀS SEGUNDAS-FEIRAS — LISBOA, 22 DE SETEMBRO DE 1941 — PREÇO: 1$50



Para conservar a linha e manter a elegância, as estrêlas alemãs fazem ginástica



Uma das preocupações fundamentais das raparigas do cinema é, sem dúvida alguma, manter a linha a todo o transe. Para tal se alcançar é de uso corrente lançar mão, quer das implacáveis massagens quer das dietas mais ou menos rigorosas, mais ou menos cientificamente delineadas. No entanto, estas raparigas do cinema alemão, que nesta página se apresentam, parecem pelo contrário, preferir a gimnástica, os desportos e a vida ao ar livre.



2.ª série / N.º 46 / Preço 1$50

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO na sede provisória, R. do Alecrim, 65, Telef. 29856. Composto e impresso nas Oficinas gráficas da EDITORIAL IMPÉRIO, LDA. — R. do Salitre, 151-155—LISBOA—Telef. 48276 Gravuras da FOTOGRAVURA NACIONAL-Rua da Rosa, 273

Animatógrafo

Director, editor e proprietário: ANTÓNIO LOPES RIBEIRO

22 de Setembro de 1941

PREÇOS DA ASSINATURA

Ano .... 78$00
Semestre .... 39$00
Trimestre .... 19$50

Distribuidores exclusivos: EDITORIAL ORGANIZAÇÕES, LIMITADA — Largo Trindade Coelho, 9-2.º (Telef P. A. B. X. 27507) — LISBOA

A CONTINUIDADE É UM FACTO

Começam esta semana as filmagens de

«O PÁTIO DAS CANTIGAS»

onde António Silva vai ter um dos seus melhores papeis

«O Pai Tirano» começou anunciado como primeira pedra duma continuidade cinematográfica cuja falta há muito se fazia sentir em Portugal. Com êle foi exposto todo o programa duma obra metódica e tomada a sério em todos os aspectos com exigências, com datas, com objectivos, com uma missão a cumprir.

É possível que os cépticos habituais tivessem sorrido. Mas também isso estava previsto. Acabado «O Pai Tirano» e apresentado ao público, o trabalho da «Produção António Lopes Ribeiro» vai continuar. Esta semana nos estúdios da Tobis começam sob a direcção de Francisco Ribeiro as filmagens de «O Pátio das Cantigas», filme de género já completamente diferente de «O Pai Tirano» que será interpretado por outro elenco excepcional de que fazem parte entre outros Maria das Neves, Vasco Santana, Ribeirinho, Graça Maria, Henrique de Albuquerque, Barroso Lopes, Laura Alves, Carlos Alves, Armando Machado, Reginaldo Duarte, António Vilar, Carlos Otero e

António Silva num grande papel escrito especialmente para êle

Com efeito o «Evaristo droguista» que será interpretado pelo grande artista do Teatro e do Cinema português, foi especialmente cuidado pelo sautores dos diálogos do «Pátio das Cantigas» que são, como o público já sabe, os mesmos felizes autores de «O Pai Tirano»: António Lopes Ribeiro, Vasco Santana e Ribeirinho.

António Silva que nos filmes nacionais tem uma notável série de interpretações, encontra agora o que deve ser o seu mais completo papel cinematográfico. Em casa, na drogaria, no pátio, em cenas da mais diversa índole o Evaristo vai fazer rebentar o público a rir com as suas fúrias, as suas manias de «cidadão superior» e as suas preocupações casamenteiras próprias e... paternas. O seu tipo vai com certeza popularizar-se e a sua loja — teatro de «grandes» acontecimentos! — gravar-se indelèvelmente nas memórias do nosso espectáculo cinetográfico.

UM FILME QUE PRETENDE DAR UM SENTIDO NOVO À PALAVRA «POPULAR»

«Popular» duma maneira nova

Isto mesmo vai, de resto, acontecer com o «estilo», com o «sentido» da nova fita da «Produção António Lopes Ribeiro» pela nova interpretação que quere dar a uma história popular.

«O Pátio das Cantigas» não será popular pela banalidade da acção ou pela graça vulgar, não será, enfim, «popularuncho». «Popular» sim, pela sátira de alguns curiosos tipos populares, desenhado em bom traço de caricatura, sem atraiçoar, contudo, o ambiente dum pátio de Lisboa e conservando-lhe, além da sua alegria feita de cantigas, a poesia dos seus namoros e a ternura das sua emoções, onde o penar dum vizinho é mágua da rua inteira, mesmo quando os amores tecem rivalidades.

Como não podia deixar de ser, também terá fado sim senhores.

Até talvez reabilite o Fado lembrando, finalmente, que há «outro fado» que o público já quási se esqueceu de ouvir.

Lembrar o fado que não se houve há muito

Com efeito as telefonias saturaram tôda a gente do fado «profissional». A necessidade de cantar todos os dias, por seu turno, transformou o fado profissional numa freqüente cega-rega de melodias nada castiças sempre iguais e sem carácter que acompanham seus versos quási sempre cabotinos, sem o sabor e a inspiração popular.

Era êsse mau fado, cansado e vulgar, fado de «retiro», de «esplanada» que António Lopes Ribeiro satirizava de maneira inesquecível no «Feitiço do Império». Mas António Lopes Ribeiro não tem nenhuma má vontade contra o fado autêntico, o fado-canção popular que o povo lisboeta canta com tanto gôsto, tanto amor e tamanha inspiração.

A provar isto está o facto de ter acolhido o Fado com o maior carinho, numa obra de que é autor e produtor, e de ter cuidado pormenorizadamente da sua apresentação para que todos o voltem a ouvir integrado no seu ambiente próprio e cantado por uma das mais puras e castiças gargantas que em Portugal o tem interpretado.

Num pátio popular, entre mangericos e cravos de S. António, na alegria dos balões e das bombas de tostão, entre balões e alcachofras o «Corridinho» virá matar as saüdades dos que gostavam de ouvir o Fado. Essa será uma das muitas surprêsas agradáveis que o público encontrará em «O Pátio das Cantigas».

Sempre em marcha!

E prosseguindo dentro duma das normas fundamentais da Produção António Lopes Ribeiro, começadas as filmagens da segunda fita, activam-se os trabalhos de preparação da terceira produção que como os nossos leitores sabem é a «Mantilha de Beatriz». António Lopes Ribeiro que, agora, se pode entregar mais completamente aos seus cuidados de director de produção acompanha de perto o trabalho de adaptação do romance de Pinheiro Chagas que está a cargo de Domingos Mascarenhas e de Fernando Garcia, o último dos quais será o realizador do terceiro filme da Produção António Lopes Ribeiro.

LEIA, NA PÁGINA CENTRAL A CRÍTICA E UMA COMPLETA E DESENVOLVIDA REPORTAGEM SÔBRE A ESTREIA DE «O PAI TIRANO»

Animatógrafo apresenta

MUSICA DE SONHO

Sob o olhar indiferente dos transeuntes, três jovens discutem com calor, na vasta praça de Venesa, em Roma. Caminhando lentamente, dum lado para o outro, procuram resolver um grave problema — o seu futuro. Haviam terminado, há minutos, com aprovação distinta, os exames finais na Academia de Música, e eis que à alegria de terem concluído o curso se juntava a preocupação da desconfiança no destino, da incerteza do rumo a seguir... E, talvez porque da discussão nasça a luz, continuam êles a martelar o assunto; aquitectam projectos, edificam castelos, mas bem depressa o vendaval da realidade os lança por terra. As negras núvens do desespêro não conseguem, todavia, encobrir os seus ânimos.

Assim, Carla Holm, de encantadora beleza, briosa, argumenta com vivacidade; as suas palavras cheias de persuação e de fé, parecem dirigidas aos deuses, que em maravilhosas esculturas os rodeam, como para lhes suplicar a graça divina duma luminosa e salvadora ideia, nesse tranze difícil do começo de uma nova vida que se lhes depara tão cheia de responsabilidades e de canseiras, mas que nem por isso deixaria de ser bela e atraente. A sua momentânea aspiração reduz-se apenas a um simples contrato que lhes servisse de base para novos vôos, vôos que lhes conduziriam, num futuro bem próximo, ao mundo das transformações de todos os seus sonhos ardentes da juventude, em doce realidade. Os deuses porém, insencíveis, numa impasssibilidade aterradora, com os olhos postos no escuro do passado, pareciam querer lembrar-lhes que findara, há séculos, o seu reinado...

Entretanto, Ronny Sylva, cheio de vida e senhor duma permanente alegria, chega à conclusão de que, para êle, o problema se encontra há muito resolvido; esplêndido músico de orquestra de Jazz, tem por certo assegurado um lugar num dos mais conhecidos e bem freqüentados «dancings» da Capital, numa orquestra de música de dança.

Por sua vez, Miguel Donato, aparentemente débil e deveras simpático, é de entre o trio quem mais trás espalhado no semblante a angústia que se lhe alberga na alma. Verdadeiramente apaixonado pela música clássica, vivendo sempre num mundo muito seu, repleto de sonhos de arte e de êxitos artísticos, de forma alguma se conforma com um lugar análogo ao do Ronny, não só porque estaria muito àquem de satisfazer as suas aspirações e brios de artista, como também por o não considerar à altura do seu invulgar talento. A sua fé reside numa grande ópera, em cuja partitura se encontra trabalhando, e na qual pusera todo o seu temperamento, tôda a sua sensibilidade de artista; intitulara a sua obra, «O Regresso de Ulisses». Mas, onde encontraria êle quem quer que se interessasse pela sua ópera, que se dispusesse a ouvi-la, acolhê-la e a transportá-la à luz dum grande teatro de ópera? Onde iria descobrir um editor que quisesse tomar sôbre si o risco de torná-la pública? Ah!, como era triste a vida para Miguel! As perspectivas dum futuro brilhante, apesar de todo o seu talento — e talvez precisamente por causa disso —, sentia-o êle, eram pouco risonhas e esperançosas...



Marte Harel

Carla, sua antiga condiscípula, via com profundo desgôsto tôdas estas dificuldades; quão feliz não seria ela se o pudesse ajudar nesta luta pela glória, neste desejo de transformar em realidade um sonho tão acarinhado?! Sempre lhe dedicara uma afeição sincera, desinteressada, admirando mais que ninguém o seu grande talento; não duvidando um momento sequer do êxito que a sua ópera obteria. No que respeita ao seu próprio futuro, nada teme; deposita absoluta confiança no seu talento de cantora. Com a sua agradável e bem timbrada voz conseguirá obter, certamente um valioso contrato que mais tarde lhe abra as portas a uma carreira cheia de triunfos. Por enquanto cantaria qualquer ária clássica, de bom gôsto, no «Dancing» em que Ronny se considerava contratado. Se Miguel a quisesse acompanhar a piano...

E Carla Holm sofria, pensando no seu amor...

... ...

Correram anos...

Carla tornou-se uma das mais famosas cantoras de ópera; De Miguel, após ter conseguido por intermédio da sua antiga condiscípula que um editor se interessase pela sua ópera, ninguém mais ouviu falar. Dir-se-ia que desaparecera como por um encanto. Ter-se-ia deixado levar por angustiosos pensamentos e, na impossibilidade de encontrar para a sua arte o caminho que tanto desejava, ter-se-ia apartado da vida, num acto de desespêro?

Não! Sob o pseudónimo de Mac Dynar, tornara-se Miguel, há já bastante tempo, o mais célebre compositor de canções, acumulando êxitos sôbre êxitos.

As suas canções, leves e graciosas na sua frivolidade, correm de bôca em bôca, quais borboletas de flor em flor, trazendo a êste uns momentos de prazer, levando àquele a alegria dum viver fictício, envolvendo todos num som ritmado e acariciador, mas fugaz... São melodias que se desfazem e fogem como diáfana neblina matutina ao ser envolvida pelos raios fortes de um sol de estio... O músico sério e intemerato, atraiçoando a sua arte, aquela arte que tanto idolatrava, aquela dama dos seus sonhos por quem estava pronto a bater-se em denodadas pelejas, sacrificou os seus altos ideais artísticos a uma celebridade duvidosa, ao êxito banal e fácil da música legeira. E, é tão grande a sua obcecação pelo seu novo mister que, não lhe repugna a ideia de transformar as mais belas passagens da sua ópera numa frívola e banal revista, inutilizando assim o seu único trabalho de verdadeiro cunho artístico, trabalho que havia de enfileirar o seu nome na galeria dos mais consagrados mestres...

Entretanto, por um feliz acaso, é descoberta pela Ópera Nacional de Berlim a partitura da ópera «O Regresso de Ulisses», e posta imediatamente em cena. Carla Holm canta com Benjamino Gigli nos principais papéis. Um acaso faz com que Miguel e a sua antiga condiscípula ouçam falar um do outro; no entanto, um encontro entre os dois, tem sido sempre evitado por Miguel.

Ante o sucesso obtido pela sua ópera, o compositor de canções banais e frívolas, cai em si, pensa no infrutífero e pueril trabalho que tem produzido nos últimos tempos. Rasgara-se o véu... Surge então o verdadeiro músico, o verdadeiro artista; Miguel Donato volta a bater-se pela dama dos seus antigos sonhos, pela bela arte da música para a qual nascera...

Eis um novo filme que a Tobis-Itala-Films nos apresenta sob o título de «Música de Sonho». Os principais papéis encontram-se a cargo de Werner Hinz, Marte Harel e Benjamino Gigli, que nos encanta com a sua voz de ouro. E o público aguarda com interêsse êste novo filme, não só pela sua beleza e grandiosidade, pela riqueza da música e do cenário, mas também devido aos artistas de renome que nele colaboram.

PANORÂMICA

«BODA EN CASTILLA»

Um telegrama traz-nos a gratíssima nova de que o filme «Boda en Castilla» de Garcia Viñolas foi premiado na *Bienale* de Veneza, que se realizou êste ano, apesar da guerra.

«Animatógrafo» teve ocasião de elogiar largamente êsse excelente trabalho, dirigido por Viñolas, fotografado por Henrique Gärtner, que foi o operador de «Gado Bravo», e montado por Saint Léonard, que é o montador de «Ala-arriba». O prémio que veio agora distingui-lo confirma cabalmente a opinião que manifestámos. Parabens a Viñolas e ao Cinema Espanhol!

CAPAS A DUAS CÔRES

Para comemorar a inauguração da nova temporada — que nasce sob o signo do Cinema Português com a estreia sensacional de «O Pai Tirano» — «Animatógrafo» decidiu introduzir mais um melhoramento no seu aspecto gráfico: as capas a duas côres, que hoje começam a publicar-se.

Obtidas pelo processo fotolitográfico em que se especializou a Fotogravura Nacional, vão essas capas valorizar mais ainda a nossa publicação, a única que mantém em Portugal o «fogo sagrado» cinéfilo, sem o qual, quer queiram quer não, seria impossível manter num nível decente o espectáculo cinematográfico — e muito menos a indústria cinematográfica — no nosso país.

Esperamos que os leitores do «Animatógrafo» compreendam mais êste benefício que lhes é oferecido, e nos ajudem, com o seu apoio moral e material, a prosseguir no caminho que traçámos e que as dificuldades da guerra tornam cada vez mais áspero.

VELOCIDADE E QUALIDADE

Um jornal da tarde insinuou — sem malícia, diga-se de passagem — que a velocidade de produção tem sido, no cinema português, grande inimiga da qualidade dos filmes. E cita nomes de fitas feitas em tempos «récord» que não resultaram como espectáculo, pelo atabalhoamento resultante das pressas.

Vem a observação a propósito de «O Pai Tirano», primeira Produção A. L. R., que se estreou 75 dias depois da primeira volta de manivela. Ora a verdade é que o espectador mais exigente não encontra qualquer reflexo, em tôda a extensão do filme, da rapidez com que foi produzida.

É que essa rapidez não resultou da dispensa forçosa disto ou daquilo, mas duma organização maduramente pensada e rigorosamente montada, duma disciplina de trabalho implacável, em que se não transigiu com a facilidade nem com a «barateza» para se virem depois gabar os seus autores de que haviam batido todos os «máximos» — em prejuízo da qualidade do filme.

«OBJECTIVA»

Recebemos o número 27 de «Objectiva», referente ao mês corrente. Entre os seus principais artigos destacam-se:

Nem Clássico nem Modernista, de Rodrigues da Fonseca; *Os Grandes Instantâneos na Fotografia de Cinema*, de João Martins; *Crítica Fotográfica*, de M. de Jesus Garcia; *Objectivas e suas Características*; *Desenhos Animados*, etc. «Objectiva» publica numerosas fotografias de Francisco Sanches, Mário Novais, Manfredo, A. Vilhena, Costa Pinheiro e outros.

Agradecemos o exemplar que nos foi enviado.

«CLUBE DO ANIMATÓGRAFO»

De acôrdo com o que publicámos no número 41, os sócios do «Clube do Animatógrafo» têm de assinar «Animatógrafo», visto que é a única forma de nos compensarem do esfôrço empreendido com as nossas festas cinematográficas — para a assistência absolutamente gratuitas mas não para nós, como será inútil dizer.

Muitos, mesmo muitos sócios do Clube assinaram já «Animatógrafo». Ora, nós desejamos ter tudo organizado no princípio da época para darmos um terceiro espectáculo «com a casa arrumada». Agradeciamos, pois, que os interessados fizessem depressa as suas assinaturas, afim de não haver atrazos nem prejudicar aquêles que já são assinantes e estão, muito legitimamente... à espera doutra sessão de filmes.

Problemas morais da Continuïdade

Para mal dos nossos enormíssimos pecados, chegámos a 1941, com cêrca de vinte anos de cinema (a contar da tentativa seriíssima da Invicta Film) e dez anos de cinema sonoro (desde a «Severa») ainda neste lindo estado de espírito: basta que se comece uma fita logo a seguir a outra para tôda a gente fazer ah! como quem vê um balão a subir ao ar!...

E se se diz a seguir que essa fita é a primeira duma série ininterrupta de produções, cujas primeiras quatro se anunciam com seus títulos e caracteres, já com datas marcadas nos cinemas, — então ao pasmo parôlo sucede a dúvida saloia, e em vez do côro de arraial ouve-se um cochichar de câmara ardente:

— Aquilo tudo é garganta... Quatro fitas portuguesas a fio?... Pode lá ser!... Aquilo não se agüenta... Essas coisas não são para nós...

Não hão-de ser, não senhor, se Deus quiser. E Deus há-de querer, porque é justo, e fará aproveitar da obra feita aquêles que a fizeram e não aquêles que se limitaram a duvidar e a maldizer.

Pobre país, aquêle que tem ainda lugar para os que duvidam de tudo por não serem capazes de fazer nada, e não acreditam em nada por se julgarem capazes de fazer tudo!...

Reparem que tudo aquilo que causa espanto e engulhos é o que é normal, natural, próprio de pessoas equilibradas: regularidade conseqüente da organização, pontualidade resultante da regularidade. Mas seduz mais o que é mera aventura, puro estardalhaço, improvisação espalhafatosa, boémia perdulária.

— Vais ver que o público prefere a sensação de que um espectáculo foi produzido em espasmos frenéticos do que sentir que êle é o resultado natural duma organização correcta — disse-me alguém.

Não acredito. O que seria do cinema americano, produto perfeito duma super-organização perfeitíssima, se assim fôsse? E não são os filmes americanos os preferidos pelo público de todo o mundo?

Quere isto dizer que a industrialização do espectáculo cinematográfico implica inevitàvelmente estandardização de métodos, mecanização de processos, fabrico em série de idéias feitas? De modo algum. A emulsão da película é sensível em excesso para permitir semelhante rigidez. Os filmes, como tôdas as obras das chamadas artes mecânicas, são, em análise verdadeira — obras humanas. E sendo obras humanas feitas por portugueses, portuguesas serão. — Logo — obras nacionais.

— Procurem fazer os vossos filmes sem espanholismo, apenas preocupados em fazê-los bem feitos. Porque espanhóis são êles, irremediàvelmente — escreveu Garcia Viñolas no seu soberbo «Manifesto à Cinematografia Espanhola».

Será essa a nossa única atitude perante as possibilidades que hoje se nos oferecem. E assim — estamos certos disso — resolveremos um a um todos os problemas morais que a continuïdade nos propõe; e enfrentaremos sem receio os espinhos que nos embaraçarem o caminho.

ANTÓNIO LOPES RIBEIRO

À Margem das Fitas

por Raul Faria da Fonseca

Miss Shéilan Graham, jornalista cinematográfica de Los Angeles (Califórnia) publicou um artigo em que sugere a Hollywood contratos com conselheiros técnicos especializados, se quiser continuar a fazer fitas com ambiente latino, uma vez que se provou já a incapacidade e a falta de compreensão dos *yankees* perante a sensibilidade, os usos e os costumes dos povos hispano-portugueses.

As fitas, cujos temas tenham por ambiente algum país do centro ou do sul do continente americano, ao serem exibidos perante o público latino, provocam ora gargalhadas ora indignação, em virtude de não traduzirem aquilo que se quis reproduzir.

«Se não queremos perder o mercado latino-americano, é necessário contratar bons conselheiros técnicos»—diz Miss Graham.

O problema é sempre o mesmo: o da *americanização* — tendência quási inconsciente dos americanos — por um lado, tão contraproducente, pelo outro, tão grata, por vezes...

Uma notícia de Springfield, do Estado de Massachussetts (E. U. A.), põe-nos ao facto de tôdas as salas de espectáculos estarem a substituir a maior parte do pessoal masculino por elementos femininos, em virtude de os homens serem necessários às fábricas, onde se produz material de guerra. A mesma notícia comenta o facto, incluindo-o no número daqueles que, actualmente prejudicam os espectáculos cinematográficos. Ora, quanto a nós e salva melhor opinião, não vemos onde esteja o prejuízo, pelo menos aparentemente. Quando vamos ao cinema, preferimos ser servidos por raparigas, a menos que estas sejam pre-históricas o que muitas vezes acontece ou tenham uma presença menos agradável que os homens o que também não é raro acontecer...

As últimas descobertas (talvez melhor: os últimos aperfeiçoamentos) da ciência, trazem termos novos para os vocabulários.

Um jornal de Hollywood sugere que, para não se deixar a rádio e a televisão envergonhadas perante o cinema, da mesma forma que os artistas da 7.ª arte são *fotogénicos*, os da rádio passam a chamar-se *microgénicos* e os da televisão, definitiva e irrevogàvelmente, *microfotogénicos*. Assim também, não será disparate aumentar a lista como os do «tecnicolor» (colorfotogénicos), ou do «relêvo» (relevofotogénicos) e os do odorífero (odoro-fotogénicos). Tratando-se de televisão, colorida, com relêvo e com cheiro, o termo poderá ser: *odoroclororelevomicrofotogénicos*.

priedade e de facilidade, enquan-

Como se vê... cheio de propriedade e de facilidade, enquanto à pronúncia!...

ESPECTATIVA

por A. DE CARVALHO NUNES

É muito curioso o «fenómeno» da espectativa, nado e criado no público.

Mal comparado, brota da rocha bruta tocada por uma varinha, que não é mágica porque nada neste mundo acontece por acaso, *mas porque se prepara e se merece...*

Depois o interêsse inicial vai sendo acrescido de outros que, quais satélites, passam a gravitar à sua roda: o nome dum artista, um episódio da filmagem, o mistério do enrêdo — e a espectativa aumenta de caudal, forma corrente.

Depois do cartaz ter gritado pelas esquinas, como um possesso, e a rádio entrado na casa do menos cinéfilo ouvinte, mostrando as suas habilidades de malabarista, ao atirar para o ar frases que cativam, que não caiem em saco roto, então, a espectativa é um mar — um mar largo, onde o *herói* do dia se sentirá mais à vontade do que «nas bôcas do mundo»...

* * *

Mal vai ao espectáculo que não soube, ou não pôde, criar espectativa à sua roda, nem que seja malévola!

Que mesmo perante espectativas benévolas, lembramo-nos sempre de Álvaro Pinheiro Chagas, êsse finíssimo ironista que reduziu às devidas proporções os homens — públicos do seu tempo. Numa das suas crónicas jornalíticas, depois reünidas em volume nas «Notas dum Lisboeta», augurava êle que um daqueles ministérios constitucionais cujo sabor ainda nos foi dado apreciar, não se demoraria muito no poder, pois que os representantes dos numerosos mas não variados grupos parlamentares tinham declarado, à uma, solenemente, que o recebiam com espectativa *benévola*.

Tal não se passa, porém, com o nosso público cinéfilo.

A bem dizer, a espectativa é criada por êle próprio, e que tem sido benévola os factos o confirmam, por vezes com exuberância...

É certo que existe a intuïção de que vale a pena, de que o caminho está certo.

Quem não sabe, calcula: o que custa é arrancar, tomar balanço, passar pelos diferentes escalões que a experiência obriga.

Espectativa benévola, sim, feita de amor da fala portuguesa, das paisagens que atravessámos e das almas que compreendemos, e também filha do pequeno orgulho da prata ser da casa, de não ter havido necessidade de ir pedir emprestados (por que preço!) os copos ao vizinho.

* * *

Chegou a noite da estreia.

A espectativa concentrada até à saturação, comprimida nas quatro paredes da sala, cria um ambiente carregado, electrisante.

Mas ao passo que a electricidade do público é, felizmente positiva, o *general e o seu pequeno exército* sentem-se invadidos por uma electricidade muito negativa...

Descrêem da obra, de si próprios, e vêem o filme pela primeira vez, êles que o miraram em todos os sentidos, que o apalparam, pesaram e digeriram!

O que vale é que a batalha foi travada antes, muito antes daquela noite, e agora se trata apenas de levantar os troféus ou de morrer no campo.

Êsses troféus são afinal a moeda com que se compram novas armas, para novos feitos.

Deixamos aos sábios a resolução dêste problema: vinte e quatro horas depois de cêrca de mil pessoas terem feito justiça pelas suas mãos — as palmas... — oitocentas mil outras já sabem o que é «aquilo»; se o melão é bom...

Nada neste mundo acontece por acaso, *mas porque se prepara e se merece...* se o Cinema é hoje uma arte tão popular foi, simplesmente, porque se tornou popular — fazendo por isso.

* * *

Não foi preciso muito tempo para o cinema português reconhecer algumas verdades.

A mais saliente delas traduz-se no convencimento de que os nossos filmes têm necessàriamente que obedecer ao carácter nacional.

Assim os cómicos se servirão do humorismo à portuguesa e os dramáticos falarão à nossa sensibilidade, se quiserem ser ouvidos.

Dentro dêste campo torna-se impossível comparar ou estabelecer competências que não sejam de ordem técnica, e quanto à técnica não nos repugna aceitar a colaboração alheia *mas só na parte em que fôr tida por absolutamente indispensável e sempre a título provisório.*

Arredada agora a tendência de trilhar os caminhos pisados, quando um dia forem mais largas as perspectivas e o cinema nacional inclusivamente se lançar na realização de grandes filmes históricos, estamos certos de que não será então esquecido êsse ensinamento da primeira hora.

CINEMA DE AMADORES

Reaparecendo

Foram vários os motivos que nos levaram a voltar de novo a escrever sôbre cinema de amadores.

Durante o tempo que, propositadamente, nos mantivemos afastados de tudo o que se relacionava com o amadorismo cinemagráfico no nosso país, tivemos ocasião de, observando com imparcialidade mil pequenos nadas, compreender ser absolutamente necessário e urgente a efectivação de inúmeras coisas.

Ora, nós que fizemos tudo o que nos foi possível fazer, quando da organização do C. P. C. A. Clube Português de Cinema de Amadores — não podíamos, de modo algum, ao ter conhecimento de tudo isso, ficar indiferentes, de braços cruzados à espera que outros façam, o que não é muito para crer.

Mas, devo lembrar, que desta vez não acontecerá o mesmo que se deu quando da constituïção da C. P. C. A. Garanto-vos que não!

Ou se trabalha para que haja uma subida de nível artístico e, conseqüentemente, uma melhoria de posição internacional — claro está, com a colaboração de todos os amadores — ou então será melhor dizerem-no abertamente para que não se venha a verificar mais tarde um êrro de colaboração, pelo facto de nem todos os elementos darem o rendimento que dêles se esperava.

A existência de um Clube de Cinema de Amadores nunca pode ser uma coisa que não possua uma base sólida suficientemente sólida para aguentar tôdas as naturais tempestades que a vida associativa obriga a todos os Clubes seja qual fôr a sua finalidade.

Para que um Clube de Cinema de Amadores viva, torna-se portanto indispensável que a sua estructura associativa seja um pouco diferente da de todos os outros clubes. É necessário que haja da parte de todos os sócios não só o carinho e amizade que têm por dever possuir, mas um desinterêsse material que o leve ao sacrifício de dedicar à vida do Clube um pouco da sua vida.

Primeiro de tudo é necessário abrir as janelas, arejar, deitar fora papéis velhos, acabar com ideias que já se encontram fora de moda, insuflar ar puro nas salas viciadas e trabalhar, sobretudo trabalhar.

E nós que desejamos trabalhar esperamos os novos colaboradores.

J. M.



CARY GRANT

Vamos vê-lo, na próxima época, no filme «A Espantosa Verdade», da RKO-Rádio Filmes, ao lado de Joan Fontaine e de sir Cedric Hardwicke


A vida é um film....
filmar é revivê-la,
em absoluta realidade,
eternamente.....
Tôda a vida é acção, movimento. É o sorriso da mulher... as «traquinices» da criança... Um Ciné Kodak Oito tudo regista, sem perda do menor detalhe. Só êle fixará a vida tal qual ela decorre em cada instante.
Centenas de milhares de pessoas dedicam-se à filmagem como a uma das melhores diversões... Não perca mais tempo. Adquira o seu Ciné Kodak Oito e filme aqueles acontecimentos da vida que mais deseje conservar para todo o sempre... Será enorme o seu prazer!
Ciné-Kodak 8
O aparelho de filmar para toda a gente
KODAK, LIMITED — 33, Rua Garrett — LISBOA

INTÉRPRETES DE «O PAI TIRANO»

REGINALDO DUARTE

Se é possível aparecer uma vez na tela e logo à primeira vez marcar o seu lugar dentro dum filme, mesmo quando essa primeira aparição é pouco mais que muda êsse «record» pode Reginaldo Duarte gabar-se de ter conseguido igualar, ao interpretar o Pinto, ponto da comédia de António Lopes Ribeiro «O Pai Tirano». Metido na caixa do ponto, folheando a peça, dormindo, pontando Reginaldo Duarte consegue um triunfo no seu primeiro trabalho cinematográfico e «Animatógrafo» tem grande prazer em poder aqui felicitá-lo com um grande abraço porque Reginaldo Duarte merecia já há muito tempo êste resultado no Cinema, afinal uma espécie de compensação. Porque Reginaldo Duarte, antes de trabalhar em «O Pai Tirano» já tinha experiência cinematográfica.



O Pinta ponto é uma das mais curiosas e interessantes personagens da comédia «O Pai Tirano». Reginaldo Duarte, com a sua veia de grande ar ista do riso, anima aquela figura com tamanha felicidade, que não haverá ninguém que o não deixe de felicitar.

Na «Canção de Lisboa» era êle um dos fadistas do Retiro onde a sua inconfundível figura assentava como uma luva. Depois nos «Lôbos da Serra», Reginaldo trabalhou também interpretando ao lado de Santos Carvalho, Armando Machado e Carlos de Barros, algumas das cenas passadas entre a Guarda Fiscal. Chegou asssim a«O Pai Tirano». E, em breves aparições, alcançou o triunfo absoluto que o público conhece.

Actor muito completo, Reginaldo é um elemento sempre apreciado pelos seus empresários, quer teatrais quer cinematográficos pela sua capacidade de adaptação, pela simpatia e segurança do seu trato.

O seu talento maleável, interpreta tudo desde a revista à comédia, da farsa à opereta. A sua figura e presença presta-se admiràvelmente para tirar todos os efeitos.

Desde que se estreou em Lisboa numa Companhia Infantil do Salão Avenida que existiu na Avenida da Liberdade, Reginaldo tem interpretado centenas de papéis em dezenas de peças, tem trabalhado em todos os teatros da capital, na maior parte dos que há pela província, pelas ilhas, pelas Colónias e Brasil onde já foi várias vezes e viveu alguns anos seguidos.

Gosta muito de trabalhar para o Cinema e, claro, faz bem porque o seu trabalho de pequenos e subtis pormenores, de íntima compreensão, sem exagêros de gestos ou falas é na tela que se mostra em todo o valor.

Uma grande capacidade de resistência permite-lhe seguir o extenuante trabalho cinematográfico com perfeito rendimento, sempre pronto à primeira voz para entrar em cena... ou para esperar com a mesma serenidade durante os longos minutos que parecem horas (e às vezes são mesmo!) de afinação, de ensaio e aperfeiçoamento.

Mas há uma razão de pêso extremamente simpática que Reginaldo Duarte tem para gostar do Cinema. É que Reginaldo deixou pelo Brasil, pelas Ilhas e pelas terras de África dezenas de amigos. Fazer uma fita é ter a certeza de que vai atravessar os mares e apresentar-se diante dos seus amigos para lhes levar embora indirectamente um abraço. Os amigos vão dizer:

— Olha lá está o Reginaldo!

E Reginaldo embora reconheça que o trabalho do Cinema é exigente e violento sente-se satisfeito quási só com essa compensação de abraçar os amigos por intermédio do seu amigo Cinema.

BARROSO LOPES

Quando há dias procurámos Barroso Lopes para conversarmos e trocarmos impressões que preparassem êste artigo, Barroso com a sua costumada jovialidade e o seu louco e constante bom-humor recomenda-nos:

— Podes lá dizer que sou um rapaz milionário que se entrega por deleito à arte de representar mas que, afinal, não precisa «disto» para nada.

Rimos. Mas pensando maduramente no caso chegamos à conclusão de que se um dia Barroso Lopes fôsse milionário — oxalá seja já na próxima lotaria do Natal! — e não precisasse do Teatro nem do Cinema para nada, êle tem de tal maneira a sua vida ligada à sua Arte, pertence-lhe de tal forma que nunca seria capaz de a abandonar e de não se submeter às durezas e às contingências da carreira dum actor.

Pode dizer-se com propriedade que lhe nasceram os dentes no teatro. A estudar teatro com os melhores mestres e a representar teatro ao lado dos maiores. Aos 14 anos Barroso Lopes andava no Conservatório no mesmo curso de Assis Pacheco e representava como discípulo no teatro Nacional. Pode gabar-se de ter trabalhado ao lado dos nomes mais famosos da cena portuguesa, ao lado da actriz Virgínia, de Lucinda Simões — que foram suas professoras no Conservatório — de Brazão, de Joaquim Costa e de José Ricardo com quem, ao lado de Assis Pacheco contracenou em «Alcácer-Quibir».

Certo Carnaval interpretou algumas rábulas numa revista da quadra. Agradou, falaram dêle e de então para cá Barroso Lopes é considerado como um daqueles elementos que quando faltam numa revista é preciso inventar.

O seu amador dramático interpretando o cínico Dr. Vasconcelos, em «O Pai Tirano» é uma criação das que se consideram inesquecíveis. O público compreendeu-o e não lhe resistiu consagrando o «caixeiro da Secção de Brinquedos do Grandella» como uma das personagens que mais o divertiu e interessou.

Por sua vez a «Produção António Lopes Ribeiro» quis corresponder ao agrado do público e ao seu próprio agrado e Barroso Lopes volta a ter papel ainda de maior relêvo no «Pátio das Cantigas». Barroso Lopes está também contente. Porque Barroso é já um velho cinéfilo e gosta de trabalhar em Cinema, mesmo com as partidas que volta e meia faz o Cinema. Durante «O Trevo de Quatro Fôlhas» Barroso Lopes, que tinha trabalhado em várias cenas, quando viu a fita não se encontrou lá — tinha sido tudo cortado.

Em compensação na «Maria Papoila» quando julgava que nem êle próprio seria capaz de se encontrar Barroso Lopes viu-se aplaudido numa rábula que é das melhores que o Cinema português nos tem oferecido: o gerente do Casino.

Verdade, verdadinha, Barroso Lopes gosta mais do teatro, segundo nos confessou. É uma paixão e pronto não há nada a fazer, mesmo reconhecendo que o trabalho de teatro é muito mais monótono, com a repetição diária das mesmas coisas que passados poucos dias estão já impossíveis de se aturarem. O Cinema, por seu turno é trabalho mais difícil, com representação sincopada, alternada, sem o balanço do público, com dezenas de tirânicas exigências. «Só tem, diz Barroso, uma circunstância de pêso a favor: deixa-nos as noites livres.

Barroso Lopes, que mereceu a atenção de tôda a gente pela sua interpretação na «Maria Papoila» tem na personagem Lopes, da comédia «O Pai Tirano», uma interpretação digna dos maiores elogios. O cínico contrariado do Grupo dos Grandellinhas é um dos seus melhores trabalhos.



A CONTINUIDADE COMEÇA BEM!

O PÚBLICO, DEPOIS DE TER RIDO COMO NUNCA, APLAUDIU ENTUSIÀSTICAMENTE

"O PAI TIRANO"

A primeira PRODUÇÃO ANTÓNIO LOPES RIBEIRO alcançou no EDEN uma vitória retumbante, junto dum público que tinha pago o seu lugar e que vitoriou Realizador, Técnicos e Artistas



Radiante com o espectáculo que a Prod. A. L. R. lhe ofereceu, o público aplaude, de pé, o final de «O Pai Tirano», na noite da estreia



Manifestando claramente a sua alegria pelo retumbante êxito alcançado, António Lopes Ribeiro e alguns dos seus colaboradores agradecem as ovações. Da esquerda para a direita: A. L. R., Artur Duarte, Graça Maria, Leonor Maia, Nelly Esteves, Eliezer Kamenesky, César de Sá, Armando Machado, Seixas Pereira, Vasco Santana e Ribeirinho

Pode dizer-se com todo o entusiasmo, sem hesitações e sem exagêro que o Cinema Português acabou na sexta-feira passada de ganhar a sua grande batalha. A estreia de «O Pai Tirano», com o Eden cheio a deitar por fora, cheio de gente, cheio da mais comunicativa alegria foi um verdadeiro desfile de vitória, a vitória que vai garantir a continuidade do nosso Cinema. Nunca uma fita portuguesa teve, na noite da sua estreia, uma tamanha consagração. Nunca uma noite de estreia foi aguardada com tanta espectativa. Tantos e tão calorosos aplausos nunca ouviu um filme português. Não se tratava duma récita de gala, não havia convidados, o «público» era «público mesmo», do que paga o seu bilhete, do que exige por que tem direito, público português que em Cinema nosso não se contenta com qualquer coisa nem perdoa qualquer coisa. E foi êsse público que de pé aplaudiu, vitoriou frenèticamente os intérpretes de «O Pai Tirano», António Lopes Ribeiro e os técnicos da sua organização. Foi entusiasmo sincero, do mais expontâneo e fervoroso que se tem visto, que arrancou do segundo balcão de pé, aquela saudação final feita com os lenços a acenar, como que a querer dizer que as palmas já não chegavam.

A pesar de não haver récita de gala estava no Eden o melhor de Lisboa. Personalidades do nosso meio cinematográfico, técnicos, distribuidores, exibidores e artistas. Todos os jornais representados. Público cinéfilo farto, cinéfilos da velha guarda, sócios do «Clube do Animatógrafo» e muitos outros leitores da nossa revista. A pesar de não haver récita de gala houve a gala da alegria e nada faltou para um extraordinário ambiente de estreia, nem mesmo a beleza e a côr da sala que estava magnífica.

A curiosidade pelo «Pai Tirano» já se tinha patenteado pela maneira como o público seguia a evolução dos trabalhos através do noticiário do «Animatógrafo» e dos outros jornais. Confirmou-se depois logo que abriu a marcação de lugares com uma autêntica corrida à bilheteira que esgotou ràpidamente a lotação. E na antevéspera já só havia bilhetes para o sexto dia de exibição.

Por outro lado os exibidores que sabem adivinhar os grandes êxitos, apressaram-se a marcar datas para exibir «O Pai Tirano». No Pôrto o filme estrear-se-á no «Águia de Ouro» para afirmar de forma bem perentória as suas intenções de grande espectáculo popular, no melhor sentido da palavra. A estreia no «Águia» está marcada para o dia 13 de Outubro. Em Coimbra «O Pai Tirano» estrear-se-á a 3 de Novembro no «Avenida». A natureza do argumento, o espírito de crítica sã que o impregna, podem ser saboreados muito especialmente pela plateia académica de Coimbra, gulosa por tradição e por índole dêsse género de espectáculo. E a SPAC, que distribui o filme, já tem datas marcadas para dezenas de cinemas do continente, ilhas e Colónias. Évora, Caldas da Rainha, Nazaré, Sines, por exemplo, teem a honra de exibir «O Pai Tirano» ainda êste mês. Vão seguir imediatamente cópias para o Funchal, para a África Oriental Portuguesa e para o Brasil! A «Produção António Lopes Ribeiro», sem fugir ao número de cópias necessárias, também pretende timbrar pela prontidão com que os seus filmes serão exibidos em todo o território português e no estrangeiro. Já há propostas concretas para a dobragem imediata em espanhol de todos os seus filmes, o que fará abrir no cinema nacional um mercado de 90 milhões de pessoas, em Espanha, no norte de África e na América do Sul.

António Lopes Ribeiro, e os seus colaboradores sabiam ao que tinham que corresponder, a responsabilidade que se assumira. Trabalho apresentado tinha que ser trabalho cuidado, resultado duma organização completa, onde os pormenores fôssem cuidados, onde fôsse incansável o esfôrço para fazer bem onde nada resultasse obra de sorte mas sim resultado de capacidade e de afinação.

Logo no intervalo António Lopes Ribeiro, Vasco Santana, Ribeirinho, Leonor Maia, Graça Maria, foram alvos duma entusiástica manifestação. E, depois, o que aconteceu no fim é quási indescritível. Tinha acabado tudo e o público ficou, ali, com calor, a bater palmas, a vitoriar, a aclamar, a fazer da estreia do «Pai Tirano», da primeira fita da «Produção António Lopes Ribeiro» uma vitória, a vitória da grande batalha do Cinema Português.

A concepção e desenvolvimento do entrecho

António Lopes Ribeiro deu começo à sua Produção com o pé direito, como o testemunha insofismàvelmente o êxito clamoroso, espontâneo e sincero com que a sala do Eden recebeu na noite de estreia o primeiro filme que produziu sòzinho. Foi êle o autor, em maré de inegável inspiração, da história felíssima, deliciosa de graça e de intenção, em que a parte emotiva aflora também de vez em quando, que serve de fio condutor ao «Pai Tirano»; uma história que tem princípio, meio e fim, e em que a gente acredita que as coisas se passem assim mesmo.

A sensação de naturalidade e de realidade que se observa no desenrolar da acção, a verdade dos sentimentos e das reacções das personagens, são duas características que apraz assinalar. E nisto vai o melhor cumprimento com que, certamente, um autor pode ser distinguido.

Lopes Ribeiro situou a acção do «Pai Tirano» num meio porventura dos menos conhecidos da maioria dos que irão ver o filme: o dos amadores dramáticos, furiosos da ribalta, apaixonados até ao sacrifício pelo teatro que procuram servir como sabem e como podem. E o filme descreve-o de maneira inconfundível e inesquecível!...

Do partido que o autor daí conseguiu tirar, todos os que já viram projectar «O Pai Tirano», ficaram a fazer uma ideia tão nítida como certa.

António Lopes Ribeiro, ao engendrar o seu argumento, fugiu deliberadamente à caricatura a traço grosso, inconsistente e desagradável, processo fácil e as mais das vezes antipático. Fiel ao ponto de vista que lhe é caro, e de que a inesquecível seqüência do fado do «Feitiço do Império», é um exemplo perfeito, preferiu fazer sátira — e de que maneira o conseguiu! — utilizando, pelo contrário, os elementos autênticos, quási com o rigor dum documentário, colocando-os e justapondo-os — e aqui é que está o mérito e a dificuldade — de maneira a alcançar os seus desígnios.

As figuras só são ridículas quando na vida já o são; a peça tem um sabor adorável, porque normalmente, são assim, redundantes e farfalhudas as peças montadas nos palcos de sociedades de recreio. Quem já alguma vez tiver assistido a uma representação de amadores poderá de boa fé testemunhar que as coisas se passam tal e qual como no écran as vemos decorrer no palco minúsculo e pitoresco, acanhado e modesto dos «Grandelinhas». Mas tudo isso é feito com malícia, com carinho e bom humor. Já que falámos do argumento, seja-nos permitido destacar o autêntico «trouvaille» que é a interferência, na acção normal, do acto inteiro da peça a subir daí a pouco à cena.

É um riquíssimo achado!

Mas um argumento feliz não é o bastante, para o bom resultado final de produção dum filme.

É condição essencial saber contá-lo cinematogràficamente, com fluência e com seqüência.

«O Pai Tirano» consegue-o sem qualquer esfôrço.

Os acontecimentos previstos no argumento correm na tela com a mais evidente naturalidade e a facilidade, como se se passassem a valer. O espectador é pôsto em presença do conflito e nunca mais perde o fio à meada — agarrado pelo interêsse real da história.

Não há «poços» de acção, hesitações na continuïdade, pousas mais ou menos despropositadas e indesejáveis.

E tudo isto mercê duma planificação impecável, onde tudo foi previsto com uma precisão matemática.

Deve-se êsse trabalho a António Lopes Ribeiro. Parabens por êle.

O realizador teve também em Vasco Santana e em Ribeirinho dois colaboradores de valia na construção dos diálogos. São simples, correntes e fáceis em perfeito acôrdo com o carácter de cada personagem, mas sem perder o brilho indispensável, em contraste com o irresistível e saboroso diálogo «bestialógico» com que mimosearam as hilariantes figuras da peça de que a complicada e impossível família dos Alarcões de Almeida é, por assim dizer, «a protagonista».

Também é justo salientar uma característica inconfundível do «estilo» de Lopes Ribeiro como realizador: a coragem de intercalar seqüências *mudas* fazendo parte integrante da acção, e em que intervêm as personagens principais, sem que o filme deixe de ser, por um só instante, um fonofilme. Fê-lo na «Revolução de Maio» (a cena com o Barata, Maria Clara e César Valente à porta da Maternidade) e retoma brilhantemente o processo no «Pai Tirano», para dar a manhã alegre do Chico e da Tatão.

FÉLIX RIBEIRO



Num intervalo do «Pai Tirano», o grande actor Nascimento Fernandes, faz rir Isabela Tovar, protagonista de «Feitiço do Império», que está junto de seus irmãos Jorge e Heloisa. Veremos Nascimento e Isabela, brevemente, em filmes da Produção A. L. R.

A interpretação

O problema de interpretação, dentro do cinema português, tem sido, por via de regra, um dos mais difíceis de dominar. A bem dizer, não se trata dum problema puramente nacional, mas o aspecto particular dum caso geral.

António Lopes Ribeiro, no *Pai Tirano*, resolveu o problema com muita felicidade. Foi buscar quási sempre, para cada papel — pequeno ou grande, não importa artistas de teatro com o nome feito. A propósito, louvemos, antes de mais nada, a isenção e o brio profissional com que certos actores, como João Villaret — de quem falaremos adiante — se prestaram a interpretar pequenas rábulas.

Além dos artistas de Teatro, Lopes Ribeiro trouxe novamente, para a tela Arthur Duarte, cujo regresso queremos saüdar; confirmou o talento de Graça Maria; e apresentou-nos uma estreante, Leonor Maia, que ficará em lugar de destaque na galeria das nossas vedetas do cinema. Parece-nos, pois, que no capítulo da interpretação não necessitamos de exigir mais, para juntar o nosso «bravo» aos bravos de que êle é credor, pela sua actuação, nos outros «rayons» da produção.

Falar da interpretação de *O Pai Tirano* é, pois, uma tarefa simples fácil, grata e simpática!

Vasco Santana e Ribeirinho são

TÊM A PALAVRA OS CRÍTICOS DO «ANIMATÓGRAFO»

A VITÓRIA DO «PAI TIRANO»

os incansáveis protagonistas do filme. Conduzem a história com um à vontade e uma facilidade invulgares, metidos na pele das suas personagens, de tal maneira que chegamos a crer que elas não poderiam ser interpretadas por outros. Há muito que esperávamos a reaparição de Vasco Santana no cinema. Desde a *Canção de Lisboa* que o consideramos no número dos artistas teatrais com mais possibilidades cinematográficas. *O Pai Tirano* confirma inteiramente essa convicção. Vasco representa como um grande actor!

Ribeirinho, que já nos dera duas criações magníficas nos precedentes filmes de Lopes Ribeiro, tem, agora, fora de dúvida o melhor papel da sua valiosa carreira cinematográfica.

O «Chico Mega», actor «à contre cœur» do Teatro dos Grandelinhas, admirador inflamado da «Tatão» é prodigioso de graça e de fantasia. Na seqüência dos amores correspondidos, onde êle mima a alegria que lhe vai na alma pela reviravolta da Tatão, é notável pela forma como interpreta cada um dos episódios que traduzem essa deliciosa seqüência da embriaguês do amor.

Vasco e Ribeirinho no palco, finda a exibição, adiantaram-se ao mesmo tempo, para agradecer, juntos, as ovações do público. Os espectadores aplaudiram-nos com calor e as palmas foram divididas pelos dois, em partes iguais: na maratona da interpretação êles tinham ficado «ex-aequo».

Leonor Maia tem jus à referência número três. Poucas vezes assistimos a um triunfo tão notável e tão nítido, no capítulo de revelações cinematográficas. Integrada num elenco, onde se contam alguns dos melhores profissionais do nosso teatro, com os quais teve que contracenar ela defendeu-se com brio e levou a melhor muitas vezes. Esta é a prova real do seu talento, revelado de forma positiva na cena do solar, de forma a merecer a admiração do público.

Graça Maria, a Gracinha, que os cinéfilos portugueses tanto têm acarinhado, não foi bafejada pela sorte. O «papel» que lhe coube não lhe permitiu que luzisse as suas qualidades, que as têm inegàvelmente e que o cinema ainda não revelou em tôda a extensão. Mas não deve desanimar, por isso, tanto mais que atrás de filme, filme vem, e, no cinema, como na vida, é assim mesmo: as coisas são o que são e não aquilo que queriamos que fôssem.

Devemos dizer que Gracinha nos apareceu ainda mais bonita do que no *Pôrto de Abrigo*, mais mulher, com uma caracterização que se ajusta ao seu tipo e a valoriza, e com uma segurança de si próprio, que é o fruto da sua maior experiência do «plateau». Esperamos confiadamente pela Gracinha, no *Pátio das Cantigas*.

Arthur Duarte faz o «cínico» da fita. Um «cínico» amável, com automóvel, fatos «dernier cri», cigarros de boa marca — o tipo daqueles homens perigosos, que são a perdição das caixeirinhas e não-caixeirinhas de Lisboa... Duarte, profissional de cinema até à medula, depois de muitos anos de ausência voltou à tela como actor. Saudemos êsse regresso, como dissemos ,com os votos de que não fique por aqui. O cinema português, nos quadros de intérpretes, não tem tantos artistas, que estes se possam dar ao luxo de só aparecer de longe em longe...

Armando Machado, Joaquim Prata, Barroso Lopes, Seixas Pereira e Reginaldo Duarte, formam um quinteto irresistível. O primeiro, sobretudo, tem sempre intervenções felicíssimas. É um excelente actor de cinema.

Luiza Durão, uma das melhores características do nosso Teatro, actriz segura, das que estudam a fundo os seus papéis, trouxe para o estúdio a consciência profissional que lhe tem permitido brilhar no palco — e distinguindo-se agora na tela, numa interpretação notável pela sobriedade com que é feito. Tereza Gomes dá-nos também a medida do seu valor.

Uma referência a Laura Alves. Esta rapariga que, muito justamente, está agora na «berra» no Teatro ligeiro, deve ser aproveitada em papéis de mais relêvo. É simpática, graciosa, viva e insinuante.

Emília de Oliveira, com a sua costumada sobriedade e competência; Nelly Esteves, numa «dactilo», à maneira de Helen Troy, revelando indiscutíveis qualidades; Maria Celeste, na fugidia «Noémia» da «Perfumaria da Moda» — desempenham, com acêrto, as outras figuras femininas mais importantes.

João Villaret — um dos mais notáveis artistas da moderna geração — tirou a bola de azar, na distribuição do elenco. Do seu «mudo», nem falaria se não fôsse para dizer que continuo a esperar o filme onde Villaret apareça num papel de relêvo. Para mim, a despeito da sua aparição no «Pai Tirano», é como se êle não tivesse aparecido ainda diante da câmara.

Dos outros — que são muitos e muitos — com inteira justiça e propriedade, limito-me a comentar o seu trabalho com o estafado lugar comum «não desmancharam o conjunto» — o que equivale a dizer que interpretaram com correcção os pequenos papéis a seu cargo, contribuindo assim para a homogeneidade e brilho da interpretação, que é uma das mais equilibradas que têm aparecido em filmes portugueses.

FERNANDO FRAGOSO

A realização do filme

Coube-me dizer aos leitores de «Animatógrafo» alguma coisa sôbre a encenação de «O Pai Tirano» — e não podia ter recebido mais grata missão. António Lopes Ribeiro e os seus colaboradores alcançaram com êste filme um tal triunfo, que tenho o maior prazer em falar a seu respeito.

As anteriores obras de Lopes Ribeiro — nomeadamente «Gado Bravo», «A Revolução de Maio», «A Exposição Histórica da Ocupação», «Feitiço do Império» — deram-lhe justíssimo renome como realizador cinematográfico, em particular junto daqueles que souberam avaliar as dificuldades de vária ordem que teve de vencer nessas obras de carácter especial: «O Pai Tirano» consagra-o porém definitivamente junto de todos os sectores. O seu trabalho de encenador — abstraio aqui das suas funções de argumentista e de autor dos diálogos — mostra em tôda a linha a sua competência. Quer a dirigir actores, quer a orientar as filmagens, quer a coordenar todos os elementos da encenação, Lopes Ribeiro saiu-se com brilho, com «limpeza», com segurança e com perfeito à vontade. A sua realização equipara-se às boas realizações estrangeiras, e supera a maioria das encenações europeias. Escrevo isto com a noção absoluta de que lhe não faço favor algum. A forma como «marcou» as cenas, a composição dos planos, o «tempo» certíssimo dos episódios, a ligação de todo o filme — imagem por imagem, seqüência por seqüência —, são do melhor que tem aparecido no cinema português. De tudo isso deriva a fluência do filme, uma das mais agradáveis sensações que se experimentam durante a sua visão. Há também que não esquecer a facilidade e a justeza com que Lopes Ribeiro prepara e obtem os seus efeitos cómicos. A seqüência das marteladas nos bastidores constitui o melhor exemplo dessa perfeita noção e execução do que seja o cómico cinematográfico. Não quereria também deixar de me referir ao *«gag»* da corrida — que nada fica a dever, em ideia e realização, ao do *match* de *rugby* no teatro que constituia um dos melhores momentos de «O Milhão» de René Clair. Merece ainda anotação especial a seqüência muda da alegria do «Chico. As cenas da representação da peça de amadores «O Pai Tirano ou O Último dos Almeidas» chegam para consagrar um encenador. Ao vê-las lembrava-me das cenas semelhantes no *show boat* da «Noite de Glória» de Schertzinger, que tanto me divertiram e encantaram — e tive de chegar à conclusão que as do filme português não são piores, bem pelo contrário.

António Lopes Ribeiro soube escolher os seus colaboradores — e será aqui ocasião de lembrar que, se como realizador a sua vitória de «O Pai Tirano» foi completa, como produtor mostrou possuir tôdas as qualidades e requisitos que exige essa espinhosíssima função; basta pensar nas condições de método e organização e no espaço de tempo em que o filme foi produzido.

De entre todos os técnicos, desejo referir-me em primeiro lugar a César de Sá, o operador do filme. A sua fotografia classifica-o não só como o nosso melhor operador mas também como um excelente operador em tôda a parte. César de Sá soube iluminar o scenários da melhor maneira, soube «adequar» a fotografia ao género da película, soube fotografar sempre nas melhores condições e tirar partido dos elementos de que dispunha, e soube dar unidade ao seu trabalho, de ponta a ponta, sem uma falha que mereça notar-se. Por isso deixou-me perplexo a insatisfação de certo comentador, absolutamente inexplicável — pois a fotografia de César de Sá é das mais consoladoras e reconfortantes realidades de «O Pai Tirano», daquelas que mais confiança dão no futuro do cinema nacional. Depois desta película tenho a certeza que a indústria portuguesa de filmes tem um operador à altura, para o que der e vier.

O registo de som de Sousa Santos, se acusa aqui e ali algumas deficiências, mais ou menos explicáveis aliás, tem o grande mérito de ser bastante claro, a ponto de não se perder uma palavra dos diálogos, salvo quando são cobertos pelas gargalhadas constantes, o que não é culpa do operador de som... A gravação da música está de resto excelente — tão excelente como ela própria.

Os maestros Fernando de Carvalho e Raúl Portela escreveram de facto para «O Pai Tirano» algumas belas páginas de acompanhamento musical com estilo, com brilho, com vida.

Roberto de Araújo, pintor e desenhador de talento, estreou-se como arquitecto-decorador cinematográfico com invulgar felicidade. O teatro dos «Grandelinhas», o complexo da pensão, as reproduções do Grandela — todos os cenários, enfim — provam o saber, o estudo, a intuição e o talento do seu autor, que se mostra largamente capaz de maiores vôos, isto é de emprêsas de maiores responsabilidades e complexidade. Os assistentes-decoradores do filme, Silvino Vieira e Américo Leite Rosa, foram colaboradores preciosos. É justo destacar a acção dêste último no acabamento dos cenários, pelo seu sentido na transposição dos valores picturais em fotográficos.

Vieira de Sousa foi o responsável pela montagem. Há que dizer que se saiu na perfeição da sua tarefa. A montagem do filme é perfeita, certa, inteligente. Lopes Ribeiro teve aliás o bom-senso de fazer de Vieira de Sousa seu colaborador mesmo durante as filmagens. Por essa razão, porque a estrutura do filme estava certa no papel antes de o estar no celulóide, e porque Vieira de Sousa já mostrara sobejamente do que era capaz em trabalhos anteriores, não me surpreendeu a qualidade da montagem de «O Pai Tirano», tão apreciável em momentos como os do *«gag»* da corrida ou da seqüência da alegria do Chico como nos momentos de contracenas complicadas.

Pelo contrário, já me surpreendeu, e muito agradàvelmente, o acêrto, a regularidade, a segurança das caracterizações de António Vilar, apesar de conhecer as suas disposições para êsse difícil lugar. António Vilar conseguiu esta coisa enorme — e inédita em filmes portugueses: fazer esquecer a maquilhagem, maquilhar de forma a não se dar por isso. As suas «cabeças» têm volume, têm naturalidade, têm suavidade. Repare-se nos grandes-planos de Leonor Maia, repare-se em Graça Maria.

Resta dizer que o assistente de António Vilar foi Alberto Alves, como o foram de César de Sá os assistentes de fotografia Perdigão Queiroga e João Silva, dois rapazes que são dois auxiliares de mão cheia.

Para terminar, uma justíssima referência ao trabalho de laboratório da Lisboa-Filme, impecável como de costume.

DOMINGOS MASCARENHAS

O Correio de Bel-Tenebroso

Tôda a correspondência desta secção deverá ser dirigida a BEL-TENEBROSO — Redacção de «Animatógrafo» — Rua do Alecrim, 65 — LISBOA

1153 — EL ESTUDIANTE. — Êste leitor, colaborador, dos mais brilhantes, da «Página dos Novos», gostaria de corresponder-se com *Uma Loira Madeirense*. — A «Hedy Lamarr é melhor do que a Lamour», dizes tu... *Melhor?!* Mas há piores. Por mim preferia que dissesses *diferente*.

1154 — ISAC M. C. BRANCO *(Pôrto)* — Ignoro porque motivo não recebeste resposta às cartas que escreveste às estrêlas. Tens a certeza de que os endereços eram correctos e de que as estampilhas eram as suficientes?! Aí há coisa, Isac amigo! Daremos oportunamente, na capa, as fotos de Jean Arthur e de Tony Martin, que é, agora, ao que se diz, o «sweetheart» da Lana Turner...

1155 — UNS OLHOS GAROTOS *(Ermezinde)*. — O nosso público não é tão injusto, como supões, com os filmes portugueses. Se é verdade que nem sempre sabe avaliar o esfôrço que traduzem, e os compara (sem distinguir circunstâncias) com os estrangeiros, não é menos verdade também que consagra aqueles filmes que, pela sua técnica e pelo seu assunto, mais dignos foram da sua presença. Sem nos reportarmos ao caso da *Severa*, deixa-me dizer-te que certos filmes nacionais têm feito uma carreira muito superior aos maiores êxitos estrangeiros! — Espero novas cartas tuas.

1156 — CALOIRO CINÉFILO *(Coimbra)*. — Não estou de acôrdo com o que me dizes: *Sinfonia dos Trópicos* não foi «o melhor filme de todos os tempos, nem sequer o melhor filme do ano. O que dizer de *O Monte dos Vendavais*, *Rebecca*, *Ninotchka*, *Peço a Palavra*, etc.? é incontestável que se trata dum espectáculo agradabilíssimo, com invulgares condições de êxito. — Comungo no teu entusiasmo, no que diz respeito à Betty Grable! «Oh Boy!... Oh Boy!... como diria o Mickey Rooney.

1157 — ELIANA *(Lisboa)*. — O romantismo é uma das características da alma dos portugueses. Essas raparigas que apregoam ter um coração «dur de cuire», são as primeiras a vibrar quando se lhes toca na corda romântica, que escondem na sensibilidade... O romantismo, que não quere dizer pieguice, e que, dum modo geral, se traduz numa tendência emocional, é de todos os tempos! Convencionou-se, na época que atravessamos, considerá-lo ridículo. Daí, certas atitudes. Mas se não houvesse sonho e romance, o que seria da vida! Venham, pois, os filmes impregnados de romantismo. Desde que sejam bons, é o que importa!

1158 — RO-BER-TO *(Lisboa)*. Principais intérpretes de *Suez*: Anabella, Loretta Young e Tyrone Power. — De *Quatro Penas Brancas*: John Clemens, Ralph Richardson, June Duprez e C. Aubrey Smith. — Estudaremos a tua sugestão relativa às palestras radiofónicas.

1159 — ADMIRADORA DE WILLIAM WYLER *(Lisboa)*. — Bravo, pelo pseudónimo! Bravo, pelo são cinéfilismo que êle traduz! — Daremos, brevemente, um bom artigo sôbre o realizador de *Monte dos Vendavais*. Nesta temporada, veremos vários filmes do famoso cineasta entre os quais *The Westener*, com Gary Cooper.

1160 — FLOR DOS ALPES. — Tomara eu poder oferecer, a tôdas as leitoras, em cada um dos números de «Animatógrafo», «umas linhazinhas, nem que fôssem só três», como tu dizes. — Se não tiveres as letras das canções de *Sinfonia dos Trópicos*, manda dizer-me, que eu as arranjarei. — Obrigada pela *At the Balalaika*, que me enviaste, com tamanha actualidade.

1161 — PINOCCHIA *(Lisboa)*. — O problema da confusão das «Marias da Graça» está resolvido. Agora já se sabe quem é a Maria da Graça e a Graça Maria... — Pela minha parte, também aprecio os romances de capa e espada! Lembras-te de *Os Três Mosqueteiros*, de Douglas? Que atentado à História da França. Mas que soberbo filme de capa e espada! — Katharine Hepburn vai reaparecer em *The Philadelphia Story*, que, entre nós, se exibirá com o título de *Casamento Escandaloso*.

1162 — ABEL DIABÓLICO *(Coimbra)*. — Êste leitor (pelo pseudónimo não perca!) gostaria de corresponder-se com leitoras da nossa revista. Haverá alguma que esteja disposta a corresponder ao pedido?

1163 — CAVALEIRO DE CAPESTANT *(Évora)*. — A tua carta para *Moreninha Insinuante* foi entregue oportunamente. — O verdadeiro nome de Graça Maria não corresponde às iniciais que mencionas.

1164 — PEDRO DAS MALAS-ARTES *(Funchal)*. — A tua carta foi transmitida, oportunamente. — Podes escrever à Maria Domingas e à Graça Maria, por intermédio de *Animatógrafo*. — Transmito as tuas saüdações a *Miss Século XX*.

1165 — DINHAMÁ *(Lisboa)*. Respondo aquele postal em que me dizes que viste uma foto do Tyrone Power, à porta do Palácio. Que mais posso fazer-te do que dar-te os parabéns?

1166 — ORIANA-A-SEM PAR. — Que prazer, tornar a ler-te! — Agradeço-te muito as tuas lisongeiras palavras a meu respeito! Mas não creio que sejam a expressão da verdade... — Achei graça à tua indignação contra o noivo de Deanna: *aquele «chaladão» (sic) do Paul!...* Então que falta de respeito é êsse?! Pobre Vaugham Paul. Com que epitetos as minhas leitoras o têm mimoseado! E êle ralado! Tem a Deanna, que é, afinal, o que lhe interessa. Por quálquer preço, essa satisfação é sempre barata... — Em referência ao teu P. S. tenho a dizer-te: já estou a pensar na prenda!

1167 — HERME *(Pôrto)*. — Fica entendido que *Herme* e *Hermes* são uma só pessoa verdadeira. — Também gostei muito de *Famalicão*, de Manuel de Oliveira. Como noticiámos, êste cineasta está a preparar um filme sôbre crianças que, segundo me consta, dentro em breve será iniciado.

1168 — ATHOS, UM DOS TRÊS MOSQUETEIROS. *(Pôrto)*. — Como sabes, os «três mosqueteiros» eram... quatro! — Fica assente que não és o *Athos* que escreveste à Graça Maria uma daquelas cartas que vieram publicadas na nossa revista. Mas que adoptaste semelhante pseudónimo, em virtude de ser com êle que mantinhas correspondência regular no *Cinéfilo*. É de apreciar a tua lealdade, neste assunto. Ficaremos amigos, pois. — A realização duma festa no Pôrto é um velho projecto do *Animatógrafo*, que deverá realizar-se no decurso da próxima temporada.

1169 — NELSON EDDY. — Pelo amor de Deus não cantes a «Balalaika». Triste ideia tiveste, amigo! — Por vezes, dizes tu, a música dos filmes portugueses não te têm agradado. E pela forma como falas, deduzo que te referes à instrumentação. É possível que tenhas razão, mas, acontece, na maioria dos casos, que a preponderância dos naipes que citas é um defeito de registo de som (colocação de microfones, etc.) do que pròpriamente um êrro de instrumentação. A matéria é vasta e difícil. Como tu, eu não sou músico. O que te digo é, pois, até certo ponto, música de ouvido... Mas os próprios músicos me têm dado, em certos casos, ante os meus reparos, uma explicação semelhante.

1170 — SEM AMOR. — Devias estar muito zangada, dizes-me! Mas não te zangues, que ficas com rugas na testa... — Apreciei muito a tua carta. Sobretudo as passagens que se referem àquelas pessoas que estão prontas a ridicularizar ou a mal julgar o interêsse e a simpatia que VV. raparigas manifestam por êste ou por aquele actor. — Ùltimamente, tens andada muito arredia desta secção. Terá o pseudónimo perdido a actualidade?...

1171 — UMA GAROTA EN-

O Correio de Bel-Tenebroso

Tôda a correspondência desta secção deverá ser dirigida a BEL-TENEBROSO — Redacção de «Animatógrafo» — Rua do Alecrim, 65 — LISBOA

DIABRADA. — Estás convencida de que eu não «ligo» *(sic)* às cartas que me tens escrito! Como te enganas. Se fôsse possível responder-ia, em todos os números, a *tôdas* as leitoras e leitores desta revista. — Sabu: United Artists, Studios, 1040, Formosa Avenue, Hollywood, Califórnia. — Não penses que as tuas cartas me enfadam ou me «consomem», como dizes. Tanto assim que te peço que me escrevas sempre.

1172 — HUCK FINN *(Pôrto)*. — Podes escrever, em português, à Ann Rutherford para Metro Goldwyn Mayer Studios, Culver City, Califórnia. Não é preciso mandar dinheiro. — Registo a tua semelhança com o Mickey Rooney. Mas gostava mais que fôsses rapariga e te parecesses com a Ann Rutherford. Não fiques desconsolado e perdoa a franqueza.

1173 — PEÇO A PALAVRA! *(Évora)*. — Tens o mesmo direito de mudar de pseudónimo, como de mudar de camisa. Talvez mesmo mais. Porque nem sequer precisas de enxovalhar o primeiro... — *Peço a Palavra!* cumprimenta *Bel, o pirata*, seu conterrâneo. — *Tufão*, de facto, não valia o *Furacão*. Agora a Dorothy Lamour, com muito ou pouco vento, é sempre tentadora.

1174 — ALERTSE *(Pôrto)*. — Sê bem aparecido, amigo! — — A Shirley Temple não vai abandonar o cinema. O cinema é que, temporàriamente, a abandonou. Mas a simpática vedeta está agora a filmar na Metro.

1175 — BONECA VOLÚVEL *(Funchal)*. — Folgo por que *Ninotchka* já haja sido exibida aí no Funchal. Com que então, platéias a 10$00!? Lembrarmo-nos nós que, na sala de estreia em Lisboa, que suporta o encargo da grande amortização do filme, êle foi exibido a êsse preço. E que houve quem achasse caro! — *A Sinfonia dos Trópicos* é um espectáculo agradável, e um belo filme musical, em qualquer parte do mundo. — Qual é o melhor filme que está em Lisboa? No momento em que te escrevo, *A Carroça Fantasma!* É o melhor... e o único. — A próxima temporada, reserva-nos filmes magistrais. Depois te irei dizendo, quais os que não deves perder. — Achei graça à tua opinião sôbre *Ninotchka* e à afirmação que me fazes de que o viste pela segunda vez: «porque mais vale revêr um bom filme, do que arriscar à primeira exibição de outro, que não interesse»! — Transmito as tuas saudações a *Grande Amorosa*, *Duque de West Point*, *Um louco sonhador*, *Swing Cinéfilo* e *Tony*. — Agradeço e retribuo o teu abraço amigo!

1176 — UMA LOIRA MADEIRENSE *(Funchal)*. — Respondo aquela tua carta em que me apresentavas *Uma inglesinha glamourosa*. Em primeiro lugar, obrigada pela gentileza da apresentação. Fiquei imediatamente a simpatisar com ela! — Podes escrever ao Tyrone Power para a 20th Century-Fox Studios, Box 900, Hollywood, Califórnia. É conveniente acompanhar o pedido da foto da importância de 25 cêntimos. Terás, assim, a certeza de ser atendida. E mal da «paixão», que não resista a semelhante despesa...

1177 — UMA INGLESINHA GLAMOUROSA *(Funchal)*. — Gostei muito da tua carta. O retrato que *Uma loira Madeirense* me fez de ti é extremamente lisongeiro: uma Dorothy Lamour de 18 anos! — Vou mandar-te os retratos que te interessam. Não vai nenhum meu, para não ofuscar o Gable, o Tyrone ou o Taylor... Não seria leal da minha parte. — Registo com o maior desvanecimento que os portugueses te merecem a maior simpatia — A tua carta, parte escrita em inglês, parte em português é muito graciosa. Àparte dois ou três êrros, sem importância de maior, escreves já a língua de Camões, de forma absolutamente satisfatória. — Quanto ao género de filmes portugueses e a ausência de *feeries* musicais, o facto deve-se a circunstâncias de ordem vária, entre os quais há a mencionar a dificuldade de competir com a América, cujos recursos nesse capítulo são inexgotáveis, e, por outro lado, a necessidade de adaptar os orçamentaos às possibilidades do mercado.

1178 — AMO O LAURENCE. — Se tenho sabido mais cedo, ter-lhe-ia dito quando falei com êle. — Pôsto isto, quero informar-te de que estou a receber-te com tôdas as honras, com a certeza plena de que seremos bons amigos. — Podes escrever ao Igrejas Caeiro e todos os artistas portugueses, endereçando as cartas respectivas para o *Animatógrafo*, R. do Alecrim, 65. Depois, nos encarregaremos de as transmitir.

1179 — I LOVE YOU, HELEN. — Agradeço-te o postal que me escreveste de Valença do Minho. — Não me parece justo insistir com *I love you*, *Hilda* para mudar de pseudónimo que se presta a confusões... Tu «loves» Helen. Êle «love» Hilda... Mas verdade, verdadinha que seria um sarilho se todos os leitores que amassem fizessem a pública declaração através do pseudónimo. E isto porque há muitas Marias na terra...

1180 — MERRILY WE LIVE *(Évora)*. — Os tempos que vão correndo, cada vez me parecem menos «merrily»... Mas, enfim tu lá sabes... — Não estou de acôrdo: Não és atrevido, nem malcriado... De resto se fôsses ou tivesses sido, não o dirias... — Conheço melhor do que tu supões, os cinemas aí de Évora. Mas valha a verdade, e a julgar pelos programas que citas, que os cinéfilos daí, não têm sido muito maltratados pelas Emprêsas respectivas.

1181 — FOTOGÉNICA *(Lisboa)*. — Respondo a uma carta que começa assim «Venho hoje falar-te do cinema nacional»... — *Pôrto de Abrigo*, como o próprio Diabo não é tão mau como o pintam... — A tua opinião sôbre Graça Maria teve a mais completa consagração no facto de Lopes Ribeiro a ter escolhido para *O Pai Tirano*. Quanto a Igrejas Caeiro, admito que não haja dado o seu máximo. Mas quere-me parecer que o máximo dêle, em cinema, ainda será muito mínimo.

1182 — PINOCCHIO — Quando será que em Portugal se fará um filme como *Sinfonia dos Trópicos*. Nunca! E não julgues que êste «nunca» traduz uma opinião derrotista. Mas a consciência daquilo que nós podemos e devemos fazer. O mal do cinema nacional, perante o público, é êsse: as comparações fáceis e injustas com os grandes espectáculos estrangeiros.

1183 — UM DA COVILHÃ *(Covilhã)*. — Para te inscreveres no Clube do Animatógrafo deverás enviar à Direcção da nossa revista o teu nome, idade, profissão, morada, juntamente com a declaração de que já vais ao cinema há mais de dez anos.

1184 — MICKEY ROONETE *(Aveiro)*. — Quantas cartas recebo por semana? Mais do que a Betty Grable. — A Administração Geral dos Correios e Telégrafos êste ano, pelo Natal, vai mandar-me um peru... feito em sêlos usados, em reconhecimento de impulso que eu tenho dado à venda dos ditos...

1185 — ESTUDANTE MORENO *(Alcobaça)*. — Podes escrever a Madalena Sotto por intermédio da nossa revista. — Deves aguardar melhor oportunidade para escreveres à Viviane Romance.

1186 — MIQUELINA *(Luso)*. O teu postal divertiu-me. «Trop beau, pour être vrai», como dizia a Lilian Harvey no *Congresso que Dança!*...

1187 — MULHER FATAL *(Estremoz)*. — O teu pseudónimo deixa-me assustado! Poderei responder-te, ao abrigo dos perigosos eflúvios que dimanam da tua pessoa? — Breve daremos uma excelente foto do William Powell. — Parece impossível como ainda há terras onde «parece mal» as raparigas freqüentarem as salas cinematográficas. Há pessoas que ainda olham o cinema como um agente de dissolução, se não o ignorassem, por completo, veriam que ridículas são essas suposições...

1188 — D'ARTAGNAN *(Lisboa)*. — Podes escrever em português à Deanna Durbin para Universal Studios, Universal City, Hollywood, Califórnia. — Ignoro a idade do Vaugham Paul. Mas interessa-te, assim, tanto? Deve ser um rapaz da nossa idade.

Bel-Tenebroso



EVA GABOR

Uma nova vedeta oriunda da Europa, acaba de chegar ao país do cinema.

Budapeste, a famosa capital da Hungria, cidade das mais características do Velho Continente, no dizer dos que por lá têm passado, que brindou já o cinema com Ilona Massey, a da famigerada «Balalaika», enviou agora para Hollywood uma das suas mais belas e elegantes raparigas. É Eva Gabor, a quem os chefes da Paramount, rendidos ante a sua formosura e a sua personalidade, se apressaram a fazer ingressar nos quadros de valia das suas artistas. «Forced Landing» — Aterragem Forçada — com Richard Arlen, é o seu primeiro filme.

De agora em diante, os cinéfilos portugueses têm um novo nome a decorar — o de Eva Gabor, que aqui vemos com um elegantíssimo vestido de noite.

Atenção, pois, a Eva Gabor!

Animatógrafo

DIRECTOR: ANTÓNIO LOPES RIBEIRO



PATRICIA MORISON, uma das intérpretes de «Uma noite em Lisboa» da PARAMOUNT, passa as férias no Pacífico a bordo do seu «yath»

ÊSTE NÚMERO CONTÉM UM RETRATRO-BRINDE: CARY GRANT